



A ONDA MAIS CONFUSA: Identidade Neopentecostal e seu caráter histórico.

Aurelina Fernanda de Andrade Morais¹
Pedro André de Sousa Peixoto²

Resumo

O presente trabalho faz uma análise dos elementos que identificam o Neopentecostalismo brasileiro. O fenômeno é analisado à luz da ciência histórica, com sua ótica e métodos próprios. Esta se utiliza das produções da Sociologia e da Teologia que caracterizam o fenômeno a partir de seus âmbitos e linguagens. A primeira seguindo metodologia científica e a segunda usando uma linguagem comum ao universo do tema. De início é feita uma síntese histórica do Neopentecostalismo que o situa temporalmente como a terceira onda, ou terceiro período do Pentecostalismo brasileiro. Em seguida são trazidas suas características sociológicas de modo problematizado, como seu potencial sincrético de adaptação e diálogo com a cultura popular brasileira. Em seguida são trazidas características teológicas para identificar o movimento, a partir do contraste entre o pensamento ou Teologia geral do Protestantismo e o pensamento ou Teologia geral neopentecostal brasileira. Notou-se que o Neopentecostalismo possui um elemento identitário de caráter histórico, ele é o ápice do processo de distanciamento do pensamento protestante, sendo essencialmente heterodoxo. Por fim, as características históricas-teológicas se somam às da Sociologia, concordando com estas e contribuindo para uma melhor compreensão do Neopentecostalismo brasileiro.

Palavras-chaves: Neopentecostalismo; Cultura Popular brasileira; Ortodoxia e Heterodoxia.

THE MOST CONFUSED WAVE: Neopentecostal identity and its historical character.

Abstract

This paper analyzes the elements that identify Brazilian Neopentecostalism. The phenomenon is analyzed in the light of historical science, with its own optics and methods. This is used of the productions of Sociology and Theology that characterize the phenomenon from its scopes and languages. The first followed scientific methodology and the second using a language common to the universe of the theme. At the outset a historical synthesis of Neopentecostalism is made, which temporarily situates it as the third wave, or third period of Brazilian Pentecostalism. Then their sociological characteristics are brought in a problematized way, as their syncretic potential of adaptation and dialogue with Brazilian popular culture. Then theological characteristics are brought to identify the movement, from the contrast between the thought or general theology of Protestantism and the thought or general neo-Pentecostal Brazilian theology. It was noted that Neopentecostalism has an identity element of historical character, it is the apex of the process of distancing Protestant thought, being essentially heterodox. Finally, the historical-theological characteristics are added to those of Sociology, agreeing with them and contributing to a better understanding of Brazilian Neopentecostalism.

Keywords: Neopentecostalism; Brazilian Popular Culture; Orthodoxy and Heterodoxy.

¹ Pedagoga do Instituto Federal da Bahia – IFBA. Especialista em Psicopedagogia Clínico Institucional pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI. E-mail: aurelinaf@gmail.com. (75) 992049670

² Mestrando em História pela Universidade Federal de Sergipe - UFS. Licenciado em História pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL. E-mail: pedroaspeixoto92@gmail.com. (75) 988429388



1. Introdução

O crescimento das igrejas neopentecostais no Brasil, a muito chama atenção de religiosos, acadêmicos e do público em geral. Desde seu início a partir do limiar da década de 1970, por meio de igrejas como a Universal do Reino de Deus, o movimento neopentecostal é alvo de olhares curiosos, críticos e mesmo assustados com o vertiginoso sucesso das igrejas enquadradas nesse movimento. Ainda hoje, quando possibilidades como a desaceleração do movimento por conta do longo período de prosperidade deste eram possíveis, ainda se observa a ascensão de denominações como a Igreja Mundial do Poder de Deus (1998), liderada pelo apóstolo Valdomiro Santiago e a Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus (2006), liderada pelo também apóstolo Agenor Duque e sua esposa, a bispa Ingrid Duque.

Diante do atual cenário de continuidade do vigor do Neopentecostalismo, percebemos a necessidade de se prosseguir com os estudos acadêmicos sobre esse fenômeno social próprio do Evangelicalismo brasileiro. Muito já foi produzido sobre o movimento, e todo esse arcabouço de conhecimento é de fato útil, todavia, devido à natureza mutacional do Neopentecostalismo e de seu potencial criativo, faz-se necessária uma atualização e um desenvolvimento da análise do referido movimento.

Com o intuito de contribuir com os estudos sobre o Neopentecostalismo, foi produzida uma análise de seus elementos identitários. A partir da natureza da disciplina de História, as abordagens sociológicas e teológicas são trazidas de modo a expressar a historicidade das características elencadas por ambas, em que os elementos identitários apontados pelas referidas disciplinas, como próprios do Neopentecostalismo não são vistos de modo estático e desconexo historicamente, não que essas disciplinas os tratem assim, mas para fazê-lo adequadamente devem recorrer à ciência histórica. Os elementos identitários, na realidade, são tratados de modo a inseri-los num contexto histórico adequado, são vistos como frutos de um processo e dotados de atributos históricos, como por exemplo, serem possuírem dos vieses de ruptura e continuidade diante de seus respectivos contextos.

Assim, é feita uma síntese histórica do movimento, em seguida são trazidas suas características sociológicas de modo problematizado. Em seguida são apresentados mais elementos identitários do movimento trazidos pela Teologia, que no fim irão se somar e coadunar com os elementos sociológicos.



2. Panorama histórico

Antônio Mendonça propõe uma divisão na História do Protestantismo no Brasil em quatro períodos, cada um com suas características gerais que os marcam. O último desses é chamado de período de repressão e isolacionismo das Igrejas, de 1962 a 1983. É nesse período que emerge o Neopentecostalismo no Brasil, em fins da década de 1970 e início de 1980 (MENDONÇA, 2005, 52). O Neopentecostalismo também se enquadra numa periodização da história religiosa brasileira ainda mais bem estabelecida. Dentro da História do movimento pentecostal brasileiro, que foi dividido em três etapas, ou as três ondas do Pentecostalismo como estabeleceu o sociólogo Paul Freston (MORAES, 2010, p.2).

A primeira onda do movimento pentecostal brasileiro se inicia na década de 1910 com o surgimento da Igreja Assembleia de Deus - AD em 1906, no estado do Pará e da Igreja Congregação Cristã no Brasil em 1910. Dentre outras características destacamos a ênfase dada à glossolalia³ como marca do recebimento da segunda benção, o batismo com o (ou no, ou do) Espírito Santo. Esse, o batismo no Espírito Santo é marca primordial da origem do movimento pentecostal (MATOS, 2006, p.32).

A segunda onda do movimento pentecostal brasileiro se dá na década de 1950. É marcada pela criação, em nosso país, da Igreja do Evangelho Quadrangular - IEQ em 1951, esta importada dos EUA para o Brasil. Quadrangular por tratar a Cristo como aquele que salva, cura, batiza com o Espírito Santo e virá outra vez.⁴ O elemento enfatizado da segunda onda é o dom de cura, que se popularizou no país através da Cruzada Nacional de Evangelização promovida pela IEQ. As Cruzadas (grandes comícios itinerantes) ajudaram na expansão da denominação e de seus costumes para as outras igrejas (MATOS, 2006, p.43). É importante citar também a emersão do movimento carismático⁵ como mais uma característica importante da segunda onda pentecostal (MATOS, 2006, p.34).

Finalmente, a terceira onda do movimento pentecostal brasileiro se dá em fins da década de 1970 e início de 1980, marcando seu início pela criação da Igreja Universal do

³ O falar em línguas estranhas, baseado no livro de 1º Coríntios capítulos 12 e 14 do apóstolo Paulo.

⁴ Essa obra abrangente e completa de Cristo é chamada de Evangelho Pleno, apontando para uma plenitude de benefícios que vão além da salvação eterna (MATOS, 2006, p.37).

⁵ O movimento carismático, também chamado de Renovação espiritual trouxe, entre outras coisas, mais dinâmica à liturgia cúltaica, atingindo denominações tidas como tradicionais no meio evangélico. O movimento invadiu e cresceu também na Igreja Católica (MATOS, 2006, p.24).



Reino de Deus - IURD (1977) pelo bispo Edir Macedo, além de outras como a Igreja Internacional da Graça de Deus (1982) por Romildo R. Soares. A terceira onda pentecostal é denominada majoritariamente de Neopentecostalismo⁶ e é caracterizada de variadas maneiras, a partir de diferentes perspectivas de estudo, especialmente da histórica, sociológica e teológica, a depender do lugar epistêmico do pesquisador. Assim temos, naturalmente, que os instrumentos das Ciências Sociais para pesquisa do tema serão a Sociologia em diálogo interdisciplinar com a História e Antropologia, geralmente deixando de lado a Teologia como instrumento de interpretação do referido objeto de estudo, devido ao seu caráter transcendental.

3. O olhar sociológico

O Sociólogo Ricardo Mariano, estudioso do Evangelicalismo brasileiro, assinala:

para ser enquadrada como neopentecostal, portanto, uma igreja fundada a partir de meados da década de 70 deve apresentar as características teológicas e comportamentais distintivas dessa corrente. Quanto mais próxima dessas características estiver, tanto mais adequado será classificá-la como neopentecostal. Isto é, quanto menos sectária e ascética e quanto mais liberal e tendente a investir em atividades extra-igreja (empresariais, políticas, culturais, assistenciais), sobretudo naquelas tradicionalmente rejeitadas ou reprovadas pelo pentecostalismo clássico, mais próxima tal hipotética igreja estará do espírito, do *ethos* e do modo de ser das componentes da vertente neopentecostal (MARIANO, 1995, p.37 *apud*: MORAES, 2010, p.2).

Todavia, a caracterização da terceira onda pentecostal brasileira, não está satisfatoriamente definida para as Ciências Sociais, nem mesmo para a Teologia. Aparentemente, consolidada mesmo é a visão de que suas caracterizações identitárias, são atualmente insuficientes, mesmo anacrônicas e problemáticas, tanto para a Teologia, quanto para as Ciências Sociais (MORAES, 2010, p.3), (MATOS, 2006, p.44). Devido a essa situação, o próprio estudo do movimento é alvo do trabalho crítico da problematização, característico dos estudos atuais nas Ciências Humanas.

A pesquisa sociológica, ao buscar explicações sobre o sucesso do movimento pentecostal no país, que desde o período da segunda onda assumiu a primazia na

⁶ O termo Neopentecostalismo é alvo de críticas quanto as suas deficiências em apontar o movimento mais adequadamente. Outros termos são propostos como pós-pentecostalismo por Paulo Siepierski e Transpentecostalismo por Gerson Moraes.



influência construtora da cultura evangélica brasileira, aponta algumas de suas características. Sua capacidade de adequação e realização de trocas com a cultura nacional, seu caráter místico, anti-intelectual, adentraram naturalmente na população brasileira na segunda metade do século XX e início do XXI. Essas características são apontadas por Bourdieu para retratar a religiosidade no *habitus* das massas, no âmbito popular, não elitizado, feiticeiro, ao trabalhar o Campo Religioso (BOURDIEU, 2007, p.27-78).

As influências dos costumes Pentecostais adentraram também as portas das Igrejas protestantes históricas como a Presbiteriana, a Batista, a Metodista, etc. em especial durante a segunda onda, por meio do movimento de renovação carismático, característico desta etapa do Pentecostalismo. Verdadeiras cisões foram causadas pela influência pentecostal nessas Igrejas, o que gerou novas denominações como a Igreja Presbiteriana Renovada (1975), a Convenção Batista Nacional (1965) etc.⁷ Mesmo quando não ocorreram cisões nas Igrejas históricas, ainda houve a assimilação de hábitos pentecostais por parte dos membros das referidas Igrejas. Todas as características elencadas até o momento foram enquadradas tanto como próprias do Neopentecostalismo, quanto do Pentecostalismo em geral, demonstrando a realidade do problema da construção identitária da terceira onda.

4. O olhar teológico

Alderi Matos, historiador da Igreja Presbiteriana (IPB) aponta que um traço marcante do Neopentecostalismo em um olhar teológico é o trinômio cura-exorcismo-prosperidade, em que prosperidade, especialmente a financeira, é uma ênfase distintiva da terceira onda diante das anteriores (2006, p.45). Contudo, a presente análise não se situa nessa enumeração de características, porém irá mais a fundo traçando um percurso histórico de mudança teológica do Protestantismo.

Diante da atual situação da pesquisa sobre o Neopentecostalismo, do desafio de identifica-lo e caracteriza-lo em seus elementos distintivos, empreendemos uma leitura histórica da produção teológica sobre nosso objeto, essa dotada de linguagem própria e

⁷ Um exemplo que retrata divisão em denominações históricas para o surgimento de Igrejas renovadas, fruto do movimento carismático é o trabalho de Sérgio Gini: **Conflitos no Campo Protestante: o movimento carismático e o surgimento da Igreja Presbiteriana Renovada (1965-1975)**. Trabalho disponível em: Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano III, n. 8, Set. 2010 - ISSN 1983-2850.



próxima do movimento. A leitura da produção teológica sobre o movimento propicia encontrarmos mais elementos indenitários, que se somam e condizem com os trazidos pela Sociologia, fortalecendo sua compreensão.

Levando em conta os caracteres de continuidade e descontinuidade da História, analisamos o Neopentecostalismo por meio da comparação com a Teologia geral construída pelo Protestantismo que se estabeleceu como ponto comum deste, como ortodoxia básica (PEIXOTO, 2018). Lembrando novamente que essa leitura deve considerar as distâncias e proximidades do longo desenrolar histórico do Protestantismo e seu pensamento característico para que não se caia nas armadilhas do anacronismo.⁸

Ao longo da História do Cristianismo podemos perceber um pressuposto inicial próprio da Teologia cristã que a explica e a direciona, algo dotado de valor axiomático: trata-se da opção inicial entre o Monergismo ou Sinergismo. Quanto ao Monergismo, este se refere à unicidade da parte de Deus na obra de salvação do homem, em outras palavras: somente Deus trabalha na salvação do homem pecador, implicando dizer que o homem não faz absolutamente nada para poder salvar-se. Já o Sinergismo se trata da ação em conjunto de Deus e do homem na obra de salvação deste último, em outras palavras: a salvação do homem pecador é resultado do trabalho de Deus e do homem, em que cada um faz sua parte. O Monergismo e o Sinergismo ultrapassam o âmbito da Soteriologia (doutrina da salvação) perpassando todas as doutrinas da Teologia cristã e seu entendimento sobre a vida das pessoas, tudo o que elas fazem em seu relacionamento com Deus, atingindo também quaisquer outras instâncias públicas e privadas, como a política, economia, cultura etc. (DEYOUNG, 2011).

Podemos dizer que a Reforma Protestante do século XVI foi o caminhar de parte da Cristandade ocidental, do Sinergismo (componente do eixo axiomático e do currículo oculto do corpo doutrinário da Igreja Católica Apostólica Romana – ICAR) rumo ao Monergismo.⁹ Esse Monergismo está presente como maior influenciador oculto do grande estandarte da Reforma, o seu símbolo magno e que melhor a caracteriza: os cinco *solas* da Reforma protestante. Esses *solas* sintetizam as ideias do movimento defendidas

⁸ A utilização da comparação entre fenômenos similares quanto à sua natureza temática, mas distintos quanto ao tempo e contexto histórico, não é novidade na disciplina de História. Temos como exemplo a leitura da escravidão negra moderna estadunidense como elemento comparativo usado para explicar a escravidão na Roma antiga, empreendida pelo historiador Aldo Schiavone em: Uma História Repensada: Roma Antiga e Ocidente Moderno. Nosso empreendimento é mais próximo, simples e seguro que o de Schiavone.

⁹ A autoridade da Tradição e da Santa Igreja como em pé de igualdade com a Bíblia no Catolicismo demonstram sua postura sinergista.



à época: *Sola Scriptura* (Somente a Escritura), *Sola Gratia* (Somente a Graça), *Sola Fide* (Somente a Fé), *Solus Christus* (Somente Cristo), *Soli Deo Glória* (Glória Somente a Deus). Por exemplo: o chamado resgate da doutrina da graça, como esboçada por Agostinho de Hipona no século V, que embasou o combate às indulgências católicas está embasado no *sola gratia*, que por sinal é conectado logicamente com os outros, estando também ancorados no pressuposto monergista.

Percebemos que o pensamento ou a Teologia geral neopentecostal esboçada por suas denominações é o ápice da caminhada histórica do Protestantismo, de seu caráter inclinado ao Monergismo rumo ao Sinergismo. Esse percurso histórico é construído lentamente, deixando claro seu caráter de continuidade e descontinuidade. O percurso tem momentos importantes, tais como o surgimento do Arminianismo (doutrina sinergista antagônica ao Calvinismo monergista) no século XVII (PEIXOTO, 2018, p.7); o movimento wesleyano do século XVIII e sua ênfase na santidade, nesse período o Calvinismo monergista entra em declínio e cai no ostracismo pelos próximos 250 anos, voltando a crescer somente no fim da década de 2000 (PEIXOTO, 2018); o movimento de santidade estadunidense *holiness* do século XIX; até a ascensão do Pentecostalismo no início do século XX (MATOS, 2006, p.23). Desse modo, percebemos que a caminhada rumo ao Sinergismo é o grande processo de mutação do Protestantismo, é por conseguinte sua mortificação. Assim, o Neopentecostalismo é a figura de sua morte.

O teólogo e pastor reformado brasileiro Renato Vargens, em seu livro **Reforma Agora**: o antídoto para a confusão evangélica no Brasil, faz uma leitura do Evangelicalismo brasileiro atual, este predominantemente influenciado pelo Neopentecostalismo, à luz dos 5 *solas* da reforma protestante. Vargens aponta um distanciamento da práxis evangélicas nacionais quanto aos 5 *solas* que caracterizam o Protestantismo. Tomamos como úteis o uso desses elementos teológicos para, por meio da comparação, apreendermos características históricas do Neopentecostalismo.¹⁰ Dessa maneira, trabalhamos tanto com a História do tempo presente, como também consideramos o processo de longa duração no qual a terceira onda está inserida. Realizamos assim, o diálogo presente/passado/presente próprio da ciência histórica.

¹⁰ É digno de nota que o trabalho com os conceitos de Monergismo e Sinergismo, não estão presentes na obra de Vargens, possuindo aqui, até onde se saiba, caráter original e inédito em seu uso e interpretação para os estudos de nossa temática.



Olhemos o *Sola Scriptura*, ideia de que a Bíblia é a maior autoridade das práxis cristãs, ela é a última palavra para resolver qualquer querela na Igreja, isso pois somente ela plenamente é a Palavra inspirada por Deus. O papa, os líderes, a tradição e a Igreja tem autoridade de *norma normanda* (norma determinada) estando abaixo da suprema autoridade da Palavra *norma normata* (norma determinante). A escritura sagrada, enquanto inspirada pela Divindade também é suficiente para apresentar toda a verdade necessária à vida de relacionamento do homem com Deus, não havendo mais nenhuma comunicação especial revelada após a escrita da Bíblia. Contrariamente ao *Sola Scriptura*, o pensamento neopentecostal acredita na existência e atual vigência de outras formas de Deus se comunicar com seus fiéis, como por revelações em sonhos, êxtases, profecias etc. Crê que se deve buscar esse tipo de comunicação com a Divindade e não através da graça somente, mas pela diligência meritória. Essa maneira de se relacionar com a Divindade se mostra heterodoxa em relação à ideia protestante, discordando da suficiência da escritura na comunicação especial entre Deus e o homem (VARGENS, 2013, p.27-48). Além do mais, essa posição caminha para umas práxis sinergista de relacionamento com Deus. O homem sai de uma postura passiva, de mero leitor da Bíblia na comunicação com a Divindade e assume uma postura mais ativa e necessária, além de meritória numa comunicação direta, dialogada, mística.

Olhemos agora para o *Sola Gratia*. Esse princípio aponta para a ideia de que toda dádiva ou benesse direcionada aos homens, em especial a salvação, mas também qualquer outro benefício a qualquer pessoa, boa ou ruim, seja a saúde, a prosperidade, a força, a sorte, seja o que for de bom, isso é dado gratuitamente por Deus, sem Este ter sido motivado por nada de bom que o homem tenha feito anteriormente. Sendo assim, essencialmente, não existe nenhuma recompensa vinda da Divindade, por um bom serviço feito por alguém. As bênçãos não são consequência das boas ações humanas, antes são a causa das boas ações. Diferente é a ideia nutrida pelo Neopentecostalismo, essa se parece mais com a visão católica, arraigada na mentalidade brasileira, expressa em “quem faz o bem é recompensado com coisas boas e quem faz o mal é amaldiçoado com coisas ruins”. Existe um caráter meritório no relacionamento com a Divindade, em que Esta beneficia os homens a depender de suas boas obras, criando-se uma prática de barganha nesse relacionamento. Coisa que é comum em igrejas neopentecostais, que fazem programas de promessas de fidelidade por parte do crente para reivindicar bênçãos, como jejum em troca de cura da depressão, dízimo por emprego, etc. (VARGENS, 2013, p.49-62). O pensamento meritório e de barganha neopentecostal é diametralmente oposto à



ideia expressa pelo *sola gratia* protestante, fazendo-se heterodoxa, além de apontar para o caminhar do Monergismo em direção ao Sinergismo.

Ao trazermos o *Sola Fide* devemos ter em mente a ideia ortodoxa do termo: Trata-se de um antagonismo às boas obras enquanto eficientes para a salvação da pessoa. O elemento fé se põe então, como negação dessa ideia. Desse modo, a fé é o elemento que representa a ação de Deus em contraste com as boas obras pretenciosas que representam a ação do homem, essas são realizadas com o intuito de requererem uma recompensa de Deus, especificamente a salvação eterna. No *sola fide* as boas obras somente são legítimas se vistas como consequência da fé, e como conduzidas pelo próprio Deus, mas nunca objetivando o merecimento da salvação. Mais uma vez o Neopentecostalismo apresenta divergência em relação ao pensamento primordial do Protestantismo, agora no quesito fé. A doutrina do movimento crê que as boas obras são necessárias para completar a obra de salvação (sua ideia de santificação pessoal), e que a salvação pode ser perdida por ser fruto do trabalho sinérgico de Deus e do homem (VARGENS, 2013, p.63-72). Como já posto, as boas obras fazem parte do pensamento neopentecostal como necessárias não somente à salvação, mas em toda a relação do homem com a Divindade se constituindo como uma visão essencialmente sinergista.

Quanto ao *Solus Christus*, tem-se basicamente que somente Jesus Cristo é o mediador e capaz de possibilitar um relacionamento entre a Divindade e os seus filhos (somente aqueles que creem no Cristo como Deus-Homem e seu Salvador pessoal)¹¹. O Cristo inclusive é apresentado corretamente somente por meio da Escritura (*Sola Scriptura*). É necessário também trazer uma questão constituinte desse *Sola*: de acordo com o corpo doutrinário ortodoxo do Protestantismo, a Pessoa da Trindade que deve ser enfatizada no relacionamento do Deus Trino com os homens é justamente o Cristo, segunda pessoa da Trindade. Mais uma vez o Neopentecostalismo apresenta divergência significativa quanto ao referido *Sola*. Nesse movimento existe uma ênfase dada ao relacionamento com a terceira pessoa da Trindade: o Espírito Santo. Há portanto, uma postura heterodoxa em relação à chamada economia da Trindade¹². A ênfase na necessidade de um relacionamento mágico com o Espírito Santo aponta uma postura mística, própria do movimento e que conduzirá por fim à práticas variadas como o emocionalismo com gemidos, glossolalia, gritaria, transes, desmaios, rodopios etc. Ainda,

¹¹ Como exposto na Bíblia, no Evangelho de João 1: 12.

¹² Estudo da organização das funções de cada pessoa da Trindade. Exemplo: Na obra redentora, o Pai decide, o Filho executa e o Espírito Santo aplica nos crentes a salvação eterna.



ao considerar o trabalho do homem como conjuntamente necessário à sua salvação, é limitado o trabalho do Cristo em relação à visão do Somente Cristo trabalha na salvação (VARGENS, 2013, p.73-86). Em mais esse aspecto o Neopentecostalismo se volta contra o Monergismo, construindo uma ideia sinergista.

Por fim, trazemos o *Soli Deo Glória* (Glória Somente a Deus) que é tanto causa como consequência dos outros *solas*. Enquanto consequência, o *sola* conclui que se Deus é o grande agente ativo no relacionamento com o homem e em sua salvação eterna, os louros da vitória, as congratulações pelo sucesso dessa obra, e em todos os outros âmbitos existentes são devidos somente a Deus. Enquanto causa, tem-se que a história da redenção do homem se dá somente através da ação de Deus, justamente para que a Glória seja somente Dele. Além disso, sua glorificação é a causa final para a existência do espaço tempo, dos seres, da história, e de tudo o que há. A teologia neopentecostal se distancia do último *sola*, pois entende que as pessoas são participantes necessárias em sua salvação, e suas obras podem direcionar as ações da Divindade, logo são possuidoras de méritos, juntamente com Deus (VARGENS, 2013, p.87).

O último *sola*, ao apresentar a causa final de todas as coisas, é o que mais claramente evidencia a realidade do Monergismo enquanto pressuposto necessário para a elaboração e compreensão dos 5 *solas*. Isso porque, o termo *sola* (somente) atinge seu ápice ao separar somente a Deus na história da humanidade e excluir o Homem de “sua” própria história quanto a qualquer reconhecimento, merecimento ou glória pelas vitórias ou benesses da vida, em especial pela vitória máxima e final, a salvação.

Na conclusão de nossa ideia, percebemos que o Neopentecostalismo é plenamente um não possuidor de um elemento essencial da identidade Protestante, a saber, o pressuposto do Monergismo na relação do homem com a Divindade. No movimento da terceira onda não se observa, nem ao menos em parte como é comum mesmo nas mentes dos membros das Igrejas históricas, a existência do pressuposto monergista. Antes, se vê explicitamente uma noção plenamente sinergista do relacionamento Deus/homem. Mais uma vez, concluímos que o Neopentecostalismo não contém em seu corpo doutrinário qualquer ligação com o pressuposto monergista do Protestantismo, quanto ao seu pensamento acerca da história da humanidade, do relacionamento do homem com Deus e da salvação. Finalmente, podemos entender que o total distanciamento das 5 *solas* e a conseqüente plena ausência do pressuposto monergista no pensamento neopentecostal é objetivamente um elemento identitário histórico distintivo da terceira onda em relação às duas anteriores, bem como em relação ao que se entende por Protestantismo. Esse



elemento identitário não possui somente um caráter imediato, mas é fruto de um processo histórico lento e conflituoso que atinge seu ápice em nosso fenômeno, o Neopentecostalismo.

5. Considerações finais

Ao realizar uma breve análise do Neopentecostalismo brasileiro, o presente trabalho, de início traçou sinteticamente, um panorama histórico do fenômeno a fim de situá-lo historicamente e espacialmente. Para isso, nos utilizamos da ideia já bem estabelecida de Paul Freston da analogia com as ondas, para dividir temporalmente e representar os mais importantes movimentos internos dentro do Pentecostalismo nacional, a saber, as três ondas pentecostais no Brasil. O foco da análise é a terceira e última onda, iniciada em fins da década de 1970 e início de 1980 com a criação de denominações como a Igreja Universal do Reino de Deus pelo bispo Edir Macedo.

Apresentamos elementos próprios do Neopentecostalismo, com o objetivo de caracterizá-lo. Esses foram trazidos por meio de uma leitura histórica das produções sociológica e teológica. Sociologicamente, apontou-se para a tendência do Neopentecostalismo a ser menos sectário e ascético, a ser mais liberal, ser dotado de potencial sincrético de adaptação à cultura popular brasileira, de ser místico, anti-intelectual, fluido, explicitando um relacionamento clientelista de troca entre os fiéis e Deus. Apresentamos as dificuldades enfrentadas pelas Ciências Sociais em classificar os elementos identitários da terceira onda por se confundirem com as anteriores. Essa situação apontou para uma característica essencialmente histórica de nosso objeto de estudo: a peculiaridade de ter sintetizado e potencializado as características das ondas anteriores, de ser o exagero, a caricaturização do Pentecostalismo.

Teologicamente, foi trazido como elemento próprio do Neopentecostalismo o trinômio cura-exorcismo-prosperidade, em que prosperidade, especialmente a financeira, é uma ênfase distintiva da terceira onda diante das anteriores. Fomos mais a fundo traçando um trajeto histórico de mudança teológica do Protestantismo. Ao observarmos o pensamento ou Teologia geral do Protestantismo, ilustrado pelos *5 solas*, notamos seu caráter de tender ao Monergismo. Ao compararmos esse pensamento com a Teologia geral do Neopentecostalismo, percebemos que esta última é essencialmente sinergista, sendo então substancialmente contrária à doutrina protestante. Concluímos que o Neopentecostalismo é o ápice do lento movimento histórico de mutação e morte do



pensamento protestante. As conclusões da análise histórica dos elementos identitários sociológicos e teológicos concordam em conceber o Neopentecostalismo como ápice das ondas anteriores, como exagero, caricaturização, em outras palavras, o ápice de um movimento histórico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. Gênese e Estrutura do Campo Religioso *in*: **A Economia das Trocas Simbólicas**. 1ª reimpr. da 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CALVINO, João. **A Instituição da Religião Cristã**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

DEYOUNG, Kevin. **A santificação é Monergística ou Sinergista? Uma análise reformada**. Tradução: Henderson Fonteneles. Disponível *In*: <https://www.thegospelcoalition.org/blogs/kevin-deyoung/is-sanctification-monergistic-or-synergistic-a-reformed-survey/>. Visualizado em 22/02/2018.

HANKO, Herman C. **Reavivamento da Rua Azuza e Pentecostalismo**. *The Standar Bearer*, Volume 83, Issue 3, Novembro de 2006. Traduzido por Felipe Sabino, disponível em: Monergismo.com.

MATOS, Alderi Souza. **O MOVIMENTO PENTECOSTAL: REFLEXÕES A PROPÓSITO DO SEU PRIMEIRO CENTENÁRIO** *in*: FIDES REFORMATATA XI, Nº 2, p. 23-50, 2006.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas**. REVISTA USP, São Paulo, n.67, p. 48-67, setembro/novembro 2005.

MORAES, Gerson Leite. **Neopentecostalismo - um conceito obstáculo na compreensão do subcampo religioso pentecostal brasileiro** *in*: Revista de Estudos da Religião, São Paulo, p. 1-19, junho 2010.

PEIXOTO, Pedro. SILVA, Sheyla. **Ventos antigos sopram no Brasil recente: a expansão do Novo Calvinismo entre evangélicos brasileiros por meio da Internet (2008-2017)**. 2018.

VARGENS, Renato. **Reforma Agora: O antídoto para a confusão evangélica no Brasil**. 1ª ed. Editora Fiel, 2013.